

CULTURA NUMA ENCRUZILHADA: DISCUSSÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA NA HISTÓRIA

Marcelo Sabino Martinsⁱ

*A Natureza dos homens é a mesma,
são seus hábitos que os
mantém separados.
Confúcio.*

RESUMO. O advento da História Cultural e suas implicações para a metodologia e para a teoria da História tornaram fundamental a necessidade de conceituação, ou ao menos, a tentativa de tornar um pouco mais evidente o que a palavra Cultura pode representar para a História.

Apesar de o pano de fundo desta proposta de mesa redonda ser a História Cultural e suas importantes discussões tais como a da própria palavra “representação”, não nos ateremos em comentar sobre a História Cultural, mas sim, traçar em linhas gerais, alguns conceitos possíveis para a palavra Cultura os quais poderão servir de direção para o historiador (ou aprendiz) quando estiver a exercer a tarefa legada por Clio.

Tarefa que, segundo Eric Hobsbawm, pode vir a ser transformada em “matéria-prima para as ideologias nacionais ou étnicas”. Há, portanto, que se tomar cuidado com o fazer histórico, sobretudo quando se “escolhe” esta ou aquela determinada “cultura” como objeto de estudo e pesquisa.

O que significa cultura? O que podemos entender com esta Palavra?

Cultura pode ser entendida como sinônimo de Educação (aquela pessoa tem muita cultura, foi muito bem educada). Pode relacionar-se ao conhecimento, ao saber (ele é muito culto). Pode referir-se às artes de um modo geral: pintura, teatro, música (essas são as manifestações culturais desse povo). Pode definir um cultivo, uma lavoura (minha cultura é a soja). Aliás, é da Agricultura que nasce o termo Cultura, cujo significado mais próximo diz respeito a tudo aquilo que não é natural, que não é encontrado na natureza. Tudo aquilo que é produzido pelo homem, para o homem pode ser considerado Cultura.

De fato é difícil atribuir um significado à palavra Cultura, sem associá-lo a um campo (na acepção de Pierre Bourdieu), ou mesmo a uma área do conhecimento e suas interdependências (Norbert Elias).

Tanto mais difícil o é atribuir a cultura de um povo pois, mesmo a cultura (na concepção dos fazeres humanos) não são engessados, não ficam parados no tempo, estão em constante movimento, são reinventados todo o tempo, como nos lembra Hobsbawm em “A Invenção das Tradições”. Ou mesmo os processos de resistências, de individualidades de personificação tais como os sugeridos por Michel de Certeau.

Assim, diante da complexidade de um simples termo tal como parece ser o da Cultura, se faz necessário a todo historiador quando da escrita de sua pesquisa, de seu estudo, de antemão tornar evidente o que está a entender, ao menos naquele determinado e sempre limitado trabalho, por este ou aquele termo. Se o termo for Cultura, redobrar a atenção, e estabelecer desde cedo qual a direção seguir já que a Cultura parece estar numa encruzilhada de significados e sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, História, Metodologia.

Heródoto (484-424) já se admirou do fato dos Lícios adotarem a ancestralidade da mãe como linha sucessória. Ao contrário dos gregos, os

lícios quando perguntados sobre seus ancestrais enumeravam os parentes maternos. Este exemplo mostra o quanto somos diferentes com relação à cultura.

Levando em consideração a frase em epígrafe, o conhecimento, ou o reconhecimento das várias culturas (ou hábitos humanos) tende a nos manter, senão unidos, ao menos, não tão separados assim.

Talvez, desde então, cultura passa a ser alvo de constante utilização, sobretudo nas ciências sociais. O que é cultura? Pode-se classificar a Cultura de um povo, de uma sociedade?

Parece ser inevitável, a esta altura, uma discussão sobre o próprio conceito de cultura, sobretudo para a História. Já que, ao que tudo indica, a Cultura está numa encruzilhada onde dois ou mais caminhos se encontram.

O advento da História Cultural e suas implicações para a metodologia e para a teoria da História tornaram fundamental a necessidade de conceituação, ou ao menos, a tentativa de tornar um pouco mais evidente o que a palavra Cultura pode representar para a História. Nesse sentido, este texto visa de alguma forma, apresentar caminhos ou direções para situar alguns conceitos sobre Cultura e seu uso para a História.

A própria questão do que é História Cultural tem sido objeto de pesquisas e estudos de muitos teóricos da História. Entre eles Peter Burke com a obra “O que é História Cultural?”, Roger Chartier “História Cultural: entre práticas e representações”, Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel “A História Nova”, e, para citar um exemplo nacional: “História e História Cultural” de Sandra Jatahy Pesavento. Todas as obras citadas se propõem a discutir formas de entender o que é e sugerir metodologias sobre a História Cultural. Porém, para tanto, todos os autores precisaram, em algum momento, conceituar “Cultura”.

A obra de Peter Burke (2005) pode ser resumida como uma tentativa de apresentar possíveis respostas a pergunta, título da obra. Embora o livro termine sem uma resposta clara e objetiva, a obra é leitura obrigatória para se entender melhor o processo histórico que resultou no que o autor abreviou de NHC: Nova História Cultural. PESAVENTO (2008) nos brinda com obra didática e bastante elucidativa sobre como podemos interpretar e transcrever a História

tendo por viés, ou caminho, a História Cultural. Em (CHARTIER, 2002) também a proposta é o entendimento dos instrumentos e conceitos utilizados pela História Cultural (concebida muitas vezes, quando dos Annales, como história das mentalidades) para “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social (ou uma cultura) é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p. 16-17). O livro organizado por Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel, intitulado “A História Nova”, traz diversos artigos e ensaios que tentam dar conta de conceitos importantes para o entendimento do que foi, e ainda o é, a História Nova. Conceitos como “cultura material”, por exemplo, trabalhado no livro citado, por Jean-Marie Pesez, em Artigo cujo título é “História da Cultura Material”.

Não bastasse o problema de conceituar “Cultura”, outra difícil questão pode ser, segundo Peter Burke, a distinção entre o que é cultura popular e o que é cultura eruditaⁱⁱ. É possível fazer essa distinção? A começar pela própria definição do que significa *popular*? A resposta a essas questões talvez seja negativa.

Teóricos como Michel de Certeau e Stuart Hall bem como os historiadores Roger Chartier e Jacques Revel, muito contribuíram para tentar elucidar tais questões. Ficamos, por hora, apenas com o conceito de “Cultura”, sem nos atermos a classificá-la de popular ou erudita.

Segundo Bronislaw Malinowski pode-se entender “Cultura” como sendo “as heranças de artefatos, bens, processos técnicos, idéias, hábitos e valores” de uma determinada sociedade. Para Edward Taylor é “todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (Apud BURKE, 2004, p. 43). Conceitos que vieram da Antropologia e adotados pelos historiadores da cultura.

Grandes contribuições vieram também do antropólogo norte-americano Clifford Geertz, que criticou severamente o uso abusivo do termo cultura. Para ele cultura era entendida como sendo um conceito essencialmente semiótico:

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu,

assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas com uma ciência interpretativa, à procura do significado”. (GEERTZ, 1978, p. 4).

De fato, tal interpretação do conceito de cultura irá provocar uma mudança na própria forma da construção dos saberes de então, em sua maioria, pautados na forma cartesiana de conhecimento. Segundo o qual era obtido por meio dos experimentos, repetidos até comprovarem a existência de leis universais regulares que explicassem tal fenômeno ou objeto estudado.

Contudo como aplicar a idéia de regularidade aos feitos humanos, ao se estudar a cultura dos povos não era possível encontrar Leis. Um dos caminhos sugeridos, portanto, por Geertz (1978) foi buscar uma ciência interpretativa que buscasse significados possíveis e não leis universais.

Embora seja a noção de regularidade que, de alguma forma, irá nortear a produção do conhecimento baseado na razão, ou seja, o que batizaremos de conhecimento científico. A partir dessas regularidades presentes na natureza serão estabelecidas as Leis Naturais, e depois delas as Ciências Naturais, as quais baseadas na experiência, na observação, no método e análise, passam a produzir novos conhecimentos que vão desmistificando as explicações, aceitas até então e que geralmente eram pautadas sob preceitos escatológicos, por assim dizer.

Esta certa regularidade dos fenômenos naturais proporcionará a criação de fórmulas matemáticas que as representem, assim nasceram a Matemática, a Física, a Química. Essas áreas do conhecimento serão, por assim dizer, conhecimentos científicos propriamente ditos, posto serem capazes de ser comprovados e demonstradas por meio de cálculos, por mais simples ou complexos que possam parecer. E serão esses campos do saber que irão ganhar o lugar de Ciência Exata, de Ciência Naturalⁱⁱⁱ. E, por conseguinte, campos privilegiados com relação a outras áreas do conhecimento que trabalham com situações instáveis, incapazes de obedecer a nenhuma Lei, ou regularidade, são, de alguma forma, relegados a uma espécie de ciência menor, como a História parece ser, por exemplo.

A idéia de uma História Cultural estaria, portanto, prejudicada, e fora desta idéia de Ciência, tal como postulado no quadro de regularidades. Como um campo de conhecimento que se preocupa com o ser humano, suas atitudes, suas relações uns com outros, consigo mesmo, seus embates, resistências, lutas, suas culturas, arte, identidade, sujeitos; em fim uma série de fenômenos incapazes de apresentar a mínima regularidade. Logo, fenômenos e objetos impossíveis de serem representados por meio de um cálculo matemático, ou mesmo por números. Como transformar em fórmula matemática o comportamento humano? Impossível.

Uma idéia de regularidade é impensada dentro das Ciências Humanas, qualquer uma das áreas que venha a tentar fazer tal recorte corre o risco de incorrer em grandes equívocos e sérias generalizações. Esta idéia de generalização, de relativização, ao trabalhar com Cultura na História pode ser uma grande e perigosa armadilha, pois que pode ser tudo e nada ao mesmo tempo. Assim, há que se estabelecer de início, o que se está entendendo por Cultura, seja por meio da Arqueologia, Sociologia, Filosofia, Artes, ou como o estabelecido pela Antropologia.

Tudo isso para que a tarefa do historiador não possa vir a ser transformada em “matéria-prima para as ideologias nacionais ou étnicas” (HOBBSAWM, 1998, p.17). Há, portanto, que se tomar cuidado com o fazer histórico, sobretudo quando se “escolhe” esta ou aquela determinada “cultura” como objeto de estudo e pesquisa, ou mesmo esse ou aquele conceito^{iv} de cultura. Mirem-se no exemplo da Alemanha.

Entre as tantas possibilidades de conceito para cultura, encontramos aquele em que é sinônimo de Educação (aquela pessoa tem muita cultura, foi muito bem educada). Pode relacionar-se ao conhecimento, ao saber (ele é muito culto). Pode referir-se às artes de um modo geral: pintura, teatro, música (essas são as manifestações culturais desse povo). Pode definir um cultivo, uma lavoura (minha cultura é a soja). Aliás, é da Agricultura que nasce o termo Cultura, cujo significado mais próximo diz respeito a tudo aquilo que não é natural, que não é encontrado na natureza.

De fato é difícil atribuir um significado à palavra Cultura, sem associá-lo a um campo^v, na acepção atribuída por Bourdieu (1999). Ou mesmo a uma

área do conhecimento e suas interdependências. Tanto mais difícil o é atribuir o que é de fato cultura de um povo ou do outro, já que, em algum momento, houve processos de troca, de intercâmbios entre as populações do globo, sobretudo na contemporaneidade.

A cultura (na concepção dos fazeres humanos) não é engessada, não fica parada no tempo, está em constante movimento, é reinventada a todo tempo. Ou mesmo durante processos de resistências, de individualidades e de personificação tais como os processos sugeridos por Michel de Certeau (1994). Para o autor citado há uma reinvenção de novos hábitos, novos saberes e fazeres, que, em grande medida acabam por criar “novas culturas” das artes de fazer.

Assim, diante da complexidade de um simples termo tal como parece ser o da cultura, se faz necessário a todo historiador assumir uma posição e um conceito para cultura, escrevendo de antemão, o que está a entender por cultura. Sobretudo para a escrita de uma determinada pesquisa. Seja ela a mais completa possível, será sempre um estudo possível, será sempre um caminho seguido, será sempre uma escolha limitada por um tempo, espaço e pelo próprio objeto e suas fontes disponíveis.

O conceito de cultura carece, pelo que se pode perceber por este pequeno estudo, requerer atenção redobrada. Exige que se estabeleça desde cedo qual a direção a seguir já que a cultura parece, de fato, estar numa encruzilhada de significados e sentidos.

Tanto mais difícil, pois que mesmo a cultura, ou suas manifestações (dança, modos de ser, agir, sentir, artes, costumes), não se apresenta se forma fixa, estanque. A cultura modifica-se quer seja internamente ou por motivações externas: contatos com outras culturas. Hábitos antes incomuns vão sendo copiados, adaptados, é o que a Antropologia chamará de difusão.

LARAIA (2001) faz alguns exemplos curiosos que ajudam a entender a mobilidade da cultura. Um diz da possível comparação entre o relato de algum jesuíta no Brasil sobre um povo indígena qualquer e formigas. Passados séculos as formigas permanecerão com os mesmo hábitos, o que não acontecerá com a tribo indígena.

Dessa forma torna-se muito difícil conceituar algo considerado “cultural”, vez que ele próprio parece ser mutável. Por mais tradicional que algum costume possa parecer, o mais comum dos hábitos, seja o de fumar, ou mesmo a utilização do *kilt* entre os escoceses, em algum momento, foi inventado. (HOBSBAWM e RANGER, 1984).

O que significa cultura? O que se pode entender historicamente, por Cultura?

Muitas serão as dúvidas e não estaremos sozinhos nesta empreitada ou encruzilhada. Mas com cuidado é possível indicar uma direção, uma possibilidade de caminho, ou caminhos. A forma transversal parece um tanto mais confortável. Trazer elementos de análise e de conceituação das mais diversas áreas do conhecimento humano, tais como Antropologia, Sociologia, Filosofia, História, Artes e tantas outras.

Assim, é que a História irá estabelecer importantes intersecções, sobretudo com a chamada “virada cultural” (BURKE, 2005), a partir de 1970, com essas diversas áreas do saber humano, para tentar dar conta de seus novos problemas. E, atualmente, tanto mais, já que:

A História Cultural corresponde, hoje, a cerca de 80% da produção historiográfica nacional, expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras. (PESAVENTO, 2008, p. 7)

A primeira metade do século XX foi essencialmente salutar no que se pode chamar de um espírito romântico. Tendo como um dos historiadores mais representativos deste período Jules Michelet, preocupado em “construir” a “verdadeira” história nacional da França. Contudo, este historiador Francês, de alguma forma, estará preocupado em “captar” a alma das nações, do povo, das massas. Tentou, de alguma forma, alcançar aquele sujeito “sem rosto”. Sujeito ainda pouco, ou nada, pesquisado até então. Jules Michelet será, portanto, um precursor dessa, hoje, quase hegemônica História Cultural. Tentará, ainda que por meio dos documentos oficiais, perceber, registrar os sentimentos, os usos, a cultura deste dito povo “francês” pós-revolução de 1789.

Cultura, pensando de forma histórica, tal como de alguma forma inaugurada por Michelet, pode ser entendido como sendo um conjunto de significados compartilhados e construídos por homens e mulheres para explicar o mundo a sua volta, usando, para tanto, a linguagem que lhes é comum. Lembrando que não são palavras o que se pronuncia, mas verdades ou mentiras, coisas boas e más, conforme o contexto e o significado a elas atribuídos nessa ou naquela realidade cultural (BAKHTIN, 2008).

Assim ao se escrever História tendo como viés a cultura é fundamental concebê-la como formas de expressão e de tradução de uma dada realidade que se decodifica por meio dos mais variados símbolos os quais, via de regra, todos devidamente “cifrados” por aquela “Cultura” em transformação.

A tarefa do historiador consiste em investigar como e tentar precisar quando esse ou aquele significado (ou valor cultural) foi construído, fornecido, dado a ler naquele tempo e lugar e quais suas intenções para ser apresentado daquela forma e não outra.

Heródoto, citado no início deste texto, admirou-se da ancestralidade entre os lícios ser atribuída a mãe e não ao pai, pois que, para os gregos, a mulher era tão somente o receptáculo da vida humana, tal como a terra, o ventre feminino receberia a semente da vida, cujo portador era o homem. Qualquer outra cultura ou forma de enxergar a condição feminina era totalmente estranha, o que não necessariamente, deveria ser entendida como errada, ou desviante, mas apenas diferente. De se considerar a relação e o papel destinados as mulheres na sociedade grega o que não valia para os lícios. Assim esta forma diversa de tratar as mulheres, este hábito, ou, esta cultura de uma sociedade e da outra, os separava, não de sua condição humana, pois que, como dito por Confúcio (epígrafe) a natureza humana é a mesma.

A cultura não é nunca a mesma ela nem mesmo é pura, única, própria. Para ilustrar tal pensamento, trazemos parte de texto que o antropólogo Ralph Linton escreveu sobre o começo do dia do homem norte-americano:

De caminho para o *breakfast*, pára para comprar um jornal, pagando-o com moedas, invenção da Líbia antiga. No restaurante, toda uma série de elementos tomados de empréstimo o espera. O prato é feito

de uma espécie de cerâmica inventada na China. A faca é de aço, liga feita pela primeira vez na Índia do Sul; o garfo é inventado na Itália medieval; a colher vem de um original romano. Começa o seu *breakfast* com uma laranja vinda do Mediterrâneo Oriental, melão da Pérsia, ou talvez uma fatia de melancia africana. Toma café, planta abissínia, com nata e açúcar. A domesticação do gado bovino e a idéia de aproveitar o seu leite são originárias do Oriente Próximo, ao passo que o açúcar foi feito pela primeira vez na Índia. Depois das frutas e do café vêm *waffles*, os quais são bolinhos fabricados segundo uma técnica escandinava, empregando como matéria-prima o trigo, que se tornou planta doméstica na Ásia Menor. Rega-se com xarope de *maple*, inventado pelos índios das florestas do Leste dos Estados Unidos. Como prato adicional talvez coma o ovo de uma espécie de ave domesticada na Indochina ou delgadas fatias de carne de um animal domesticado na Ásia Oriental, salgada e defumada por um processo desenvolvido no Norte da Europa. (apud LARAIA, 1986, p. 195-7)

De fato é praticamente impossível, atualmente, admitir uma cultura que não tenha tido contribuições e trocas com outras culturas. Mas a cultura está além de modos de comer, vestir, fumar. A própria forma de perceber essas ações como sendo genuinamente norte-americanas, embora saibamos todos que não, o fato de apropriarem-se dessas práticas e destas descobertas e usarem de formas particulares, deveria ser fator de compreensão de que a cultura pode, também, ser (re)inventada.

44

Pode-se entender, ainda, cultura como

...uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2008, p. 15).

Há, portanto, um conjunto de representações de mundo que são comuns a um determinado grupo, ou povo. A esse conjunto de valores podemos chamar de cultura. A tentativa de decifrar esses sentidos, suas razões e implicações são, de alguma forma, o intento de historiadores da cultura, tais como Roger Chartier, Robert Darnton e Carlo Ginzburg. Que, grosso modo, tendem a trabalhar as diferenças entre as várias instâncias culturais, ou a produção de sentidos sobre o mundo construídas pelos homens do passado. E aí fica a pergunta, tal como sugerida por Pesavento (2008, p. 16-17), se o

conceito de representação é claramente assumido por todos? Ainda, segundo a autora citada, a resposta mais justa a essa pergunta seria não, e ressalta:

Se estamos em busca de retratar uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, revelar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco. Assumimos esse risco.

Lembrando que, conforme (CHARTIER, 2002): representações do mundo construídas dadas a ler e a ver para e numa determinada sociedade não são de modo algum discursos neutros: eles produzem e foram produzidos por meio de estratégias e práticas (sejam sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros. São discursos que tendem a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos pertencentes aquela cultura ou não suas próprias condutas e escolhas.

Logo, trabalhar com História, e ainda mais com cultura, devem, além de conceitos, levar em conta cultura, processos de resistência e os sujeitos que compõem o conjunto fundamental para a pesquisa em História, esta Ciência Humana, em sua essência.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec e Brasília: Editora da UnB, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, M. e JULIA, D. A beleza do morto: o conceito de “cultura popular”
In: REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.
- CERTEAU, M. de **A Invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

- CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 2002.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- HOBBSBAWM, E. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBBSBAWM, E. e RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KOSELECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.
- KROEBER, A. O superorgânico. In DONALD, P. (org), **Estudos de organização social**. São Paulo: Martins Editora, 1950.
- KUNH, T. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NOTAS

ⁱ Docente do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia, Campus José Ribeiro Filho, em Porto Velho.

ⁱⁱ Sobre os conceitos de Cultura Popular e Erudita ver: Certeau M. e JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de “cultura popular” In: REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade*. Lisboa: Difel. 1989

ⁱⁱⁱ Sobre história da ciência ver: KUNH, T. (2005) *A Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.

^{iv} Sobre a história dos conceitos ver: KOSELECK, R. (1992) Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.

^v Para Bourdieu (1999) “campo” corresponde a um espaço subjetivo onde os indivíduos ou as instituições estabelecem embates, um constante jogo de forças e poderes em constante mudança com definições e redefinições.